



Teoria e método: uma relação necessária no ensino de história

Mauro Antonio de Oliveira
Graduando - UERN

O trabalho refletirá acerca do ensino de história nos dias atuais, sustentado sob uma visão teórica metodológica como princípios basilares para sua efetivação. Desse modo, apresentarão novas perspectivas diante dos temas “tradicionais”, que muitas vezes estão presos as explicações herméticas, centralizada em verdades absolutas. Buscando mostrar com clareza que a fundamentação teórica e metodológica compreendida numa dimensão macro, define de certa forma um ensino de história criticizante, não mais condicionado a uma única interpretação. Mas, também estabelecendo uma relação da teoria da prática (BITTENCOURT, 2008). Através de uma análise comparativa e qualitativa sobre o cenário das instituições de Ensino Fundamental e Médio, e discutido como ocorre a apropriação do conhecimento histórico na atualidade, isto é, tornando os conteúdos em conhecimentos ensináveis. Sobre esses aspectos surgem o interesse em trabalhar com a tríade: Teoria, método e ensino de história. Além de relatar uma apropriação da teoria e do método para com ensino de história que é o amago deste trabalho, se propõe a lançar um olhar contemporâneo ao ensino de história nas instituições de Ensino Fundamental e Médio. Lembrando as discussões elencada no mesmo assume uma dimensão reflexiva. A discussão salvaguarda e fica evidente nas abordagens que a disciplina Teoria da História e Metodologia do Ensino de História explana em um curso como Licenciatura em História, uma vez que é a mola propulsora, não as únicas na vida do historiador seja no âmbito do ensino, ou da pesquisa. Assim, enfatiza-se, que em nenhum momento podemos formar o profissional de história apenas para o ensino ou pesquisa, os dois necessariamente devem caminhar de mãos dadas.

Palavras-chave: Teoria; Método; Ensino de história.

1. A história e o seu tempo

Ao olhar o campo da história, bem como seus condutores debruçamos um estudo reflexivo sobre o ensino de história tanto em nível fundamental e médio no século XXI, na perspectiva de compreender como este está sendo efetuado dentro dos espaços educacionais. Ao mesmo tempo em que se percebe uma área movediça onde suas raízes tem reflexo em contexto mais amplo. Explicitando que, este trabalho não oferece uma linearidade histórica, tão pouco busca estabelecer uma verdade absoluta.

A história no século XIX passa por mudanças bastante acentuadas, a Alemanha e depois a França se constitui nos espaços onde eruditos irão produzir história de acordo com seus ideais, como definiu José C. Reis¹, “Hegel e Ranke, são considerados os maiores representantes da filosofia da história e da história científica” (2006, p.11). Há neste período um direcionamento para história científica. Sem deixar de lembrar seus resquícios é fruto do iluminismo, pois, se postulava a ideia da razão, ao passo que conduzia a historiografia evolucionista e progressista. Segundo Reis:

A história científica, portanto, seria produzida por um sujeito que se neutraliza enquanto sujeito para fazer aparecer o seu objeto. Ele evitará a construção de hipóteses, procurará manter a neutralidade axiológica e epistemológica, isto é, não julgará e não problematizará o real (2006, p.13).

Neste momento a história dita positivista conquistava um espaço entre historiadores Franceses. Em outras palavras ela ganharia agora um método histórico, este compreenderia a história com ideia de verdade, para isso, procurava trabalhar com documentos oficiais, políticos entre outros. Sendo que toda crítica seria no próprio documento sem afastar-se dele. Assim, qualquer especulação que houvesse em relação análise era tida como patológica era coibida. Por outro lado, a história exigia do seu “tutor” uma definição em meio ao fato. O que Peter Burker² (1997) nos alerta que diante disto haveria um conflito intenso entre os intelectuais franceses e alemães daquele período cada qual querendo afirmar sua história. Mas, é só a partir do século XIX que a história começa a se constituir como disciplina.

No século 19, a história, tomaria seu lugar enquanto disciplina ao mesmo tempo em que se tornava conhecimento ensináveis, porém, sem afastar-se da pesquisa. O que mais tarde irão construir divergências.

A Bittencourt assegura que

A disciplina escolar dependente do conhecimento erudito ou científico, o qual, para chegar à escola e vulgarizar-se, necessita da didática, encarregada de realizar a “transposição³”. [...] uma “boa didática” tem objetivo fundamental evitar o distanciamento entre a produção científica e o que deve se ensinado, além de criar instrumentos metodológicos para transpor o conhecimento científico para escola da forma mais adequada possível (2008, p.37).

Como podemos observar o saber histórico, mais precisamente o que aportou às escolas, foi alvo de muitas discussões. Se considerarmos que a consolidação das disciplinas se deu em meados do século, haveria também a preocupação em estabelecer um “currículo humanístico”.

2. Contextualizando e problematizando o ensino de história

Desse modo, se faz necessário contextualizar o objeto da pesquisa e ao mesmo tempo em que colocamos em cheque as indagações acerca do tema⁴. O Ensino de história tem sido um tema bastante discutido nos dias atuais. Dentre as questões que são debatidas, a renovação da prática no ensino de história é que aparece com mais intensidade tanto nos congressos, mesas redondas, oficinas e simpósios, como também ganha espaço nas páginas dos livros e artigos que são produzidos. Outra questão que tem sido o oposto desta é o espaço para se questionar acerca da entrada do material de apoio ao ensino de história, fornecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) nestes últimos anos. Que políticas públicas têm sido engendradas para a formação

continuada no campo da educação histórica? Raramente se encontram produções que questionam este material; este material está contribuindo mesmo para melhorar a prática de ensino? Quais os avanços e retrocessos? Os trabalhos que versam sobre o primeiro enfoque são muitos e sobre o segundo enfoque poucos. E ainda uma terceira questão que está intermediária, é o aumento ou não dos recursos pedagógicos em sala de aula. Esta última, por sua vez é muito discutida nos espaços pedagógicos⁵. Todas essas questões são debatidas no campo da educação em maior ou menor grau. E apontaram lacunas nas proposições que elencaram para melhorar o ensino. Diante disso, nasce uma quarta questão, essa por sua vez, constitui a chave mestra para pensar uma nova reflexão para o campo da história. Deixando claro que em nem um momento, as contribuições feitas são tidas como absolutas. Mas, sempre aberta ao debate.

Desse modo, a(s) problemática(s) que este artigo procura responder são outras. Vai ao sentido de questionar a própria formação do profissional de história. Pois, acredita-se que essa é sem dúvida o ponto crucial para desenvolver um ensino de qualidade. Delimitando o campo da problemática, questiona-se: qual a importância da disciplina 'Teoria da história' para o ensino? E da metodologia do ensino de história? A teoria e o método trazem avanços no campo do conhecimento históricos? Em que medida estes questionamentos vão se interligar trazendo uma complementaridade para a área do Historiador? Os conteúdos presentes nos livros didáticos e principalmente aqueles que são tidos como "clássicos" ou tradicionais, como o professor do ensino Fundamental/Médio trabalha os mesmos afastando da visão tradicional da história e buscando resgatar as identidades? Que mecanismo possibilita um novo olhar para o ensino de história?

Até aqui se observou poucos trabalhos no sentido de abordar a dimensão da teoria da história, metodologia do ensino de história e da historiografia, como elementos preponderantes na formação do profissional de história. O que se tem visto nestes aspectos é a primeira e última sendo tratadas mais no âmbito da pesquisa em si sem ligação com o ensino de história contextualizado, criando-se assim, barreiras intransponíveis entre história discutida na Universidade e a ensinada no ensino Fundamental/Médio. Ou ainda como bem nos lembra Bittencourt, o contexto do século 19, permeia aproximações e afastamentos entre a história escolar e dos Historiadores.

Esse dilema, Ciampi revela que:

É frequente a denuncia da disparidade entre a produção de histórica e o ensino de história, seja no Brasil ou no exterior. Michel de Certeau diz que, às vezes, os temas até mudam, mas ocultam a maneira como a historiografia se constrói, as razões de

suas modificações, o modo de suas representações, as problemáticas contemporâneas que determinam a sua construção (Ciampi, 2000, p. 16).

Essa barreira existe, e ai uns dos argumentos é que falta nos profissionais que chegaram ao ensino, tanto Médio como fundamental uma formação abrangente no que concerne a teoria da história, não só no sentido de leva-los só a pesquisa, mas de fazer desta um paralelo entre ensino Academia/escola. Nas palavras Bittencourt

André Chervel adverte que, na atualidade, a crítica sobre os cursos superiores na França - semelhantes à feita no caso do Brasil – refere-se exatamente ao distanciamento entre pesquisa e ensino, e por essa a “decadência” ou “crise” universitária é denominada de “secundarização do ensino superior”. [...] os cursos superiores afastam-se de seus objetivos fundamentais e as disciplinas organizaram-se de forma separada do processo de conhecimento da pesquisa científica (2008, p. 47).

A distância vista entre estas instâncias não pode de forma alguma se completar por si só, pois, a pesquisa da primeira necessita da segunda para se afirmar e vice-versa. O que se constata em uma leitura mais profunda sobre a relação delas com ensino de história e que ausência das mesmas na educação se constitui como elemento que mais regredi na prática pedagógica. Do mesmo modo em que limita o currículo do aluno, uma vez que, vivemos hoje em uma sociedade complexa marcada por diferenças e desigualdades sociais. Assim, a ausência da teoria e do método no campo do profissional de história traz prejuízo agravante, que por sua vez, permeia todo cenário onde está arraigado o ensino.

3. Teoria e método um paralelo entre pesquisa de campo e a prática

Procurando compreender como a docência vem sendo praticada dentro do campo do ensino de história, será que o conhecimento histórico que está chegando aos espaços escolares contribui para que os jovens compreendam um espaço cada vez mais multifacetado nos aspectos políticos, sociais, cultural econômico e religioso, pois, entende-se que o saber histórico vivenciado em dimensão crítica e reflexiva pode contribuir e tornar os indivíduos conscientes e críticos de seu papel como. Neste sentido, questionamos⁶ professores do ensino Fundamental (6º ao 9º) como também do ensino Médio (1º ao 3º), no intuito de mapear informações acerca da sua formação em relação ao ensino de história. Foram entrevistados quatros professores, entres esses, três responderam que na sua graduação não tiveram acesso a tais disciplinas, como teoria da história, historiografia e metodologia do ensino de história e que também posterior a sua graduação não teve acesso. Esse quadro é preocupante no sentido de que a ausência da

formação nas disciplinas ora mencionada, torna-se capenga o ensino de história. O que colocamos em discussões neste artigo, e é notável, é que através de um equilíbrio entre a teoria e a prática que avançamos no conhecimento histórico. Isso porque é indiscutível trabalhar o ensino sem apoio da teoria, e tão pouco de um método. Aliás, devemos esclarecer que apesar deles se complementarem, não é o mesmo campo.

Por outro lado, tem-se visto trabalhos que discutem a relação teoria e prática no campo do ensino, porém ainda é um discurso preso girando em torno livro didático – são táticas de como apresentar um conteúdo. Em virtude de questões como essas, o artigo procura ultrapassar este âmbito, trazendo uma prática para além da do livro didático, como também sobre as discussões que mesmo traz, considerando que a história não pode vista como ciência absoluta, isto é, “dona da verdade”, que seus condutores não mais estejam amordaçados e apropriar-se de uma consciência histórica. Um saber histórico que possa diminuir o peso da ideologia dominante, como também dar voz aqueles que foram silenciados na história, como é o caso dos índios e os negros.

Assim, a teoria da história tem o papel relevante nesse contexto, pois ela ajuda ao historiador a entender como a história foi construída ao longo do tempo, como os sujeitos envolvidos na história se comportavam. E é a partir desta compreensão que o saber histórico ganha mais significado. Ao contrário disso, se nossos professores não se apropriam do lastro campo que a teoria da história proporciona, tão pouco será bons professores. Sua ação docente estará reduzida, pois falta o aporte teórico.

O que se tem visto nos dias atuais, é que muitos professores, apesar de toda inovação no campo do ensino (assunto muito recorrente), da escola já disporem de livros de apoio oriundo do MEC, os docentes em sua maioria não consegue romper com a história tradicional, isso não estou dizendo que o professor devam abandonar o livro didático porque seria uma certa “utopia” de minha parte; mas pelo menos se apropriassem de uma consciência histórica, apresentando para o aluno questionamento acerca da historicidade da história. Muitos continuam reproduzindo uma história tradicional, hierarquizada, permeada de uma ideologia dominante, ou seja, uma história vista de cima. O que nos remete a presença da história positivista⁷.

Teorizando a própria história, você tem a revolução historiográfica dos Annales em 1929. Por volta de 1960, a aproximação da história com as ciências sociais, ou seja, a interdisciplinaridade onde ela dialoga com outros campos do conhecimento, como também a virada historiográfica a partir dos anos 70 do século XX, onde esta última ampliou vertiginosamente o campo da historiografia em todos os aspectos. Por último, a nova história cultural, que abre espaço dentro da historiografia para se pensar o sujeito,

ou suas práticas culturais, possibilitaria posteriormente o nascimento da micro – história. Diante disso, apesar de todos os avanços que a história tem passado no campo da teoria da história e da historiografia, é lastimável que não tenhamos avançados em um ensino de história criticizante. O que implica dizer, de certa forma, é que estamos “nadando contra maré”, avançamos de lado, e de outro permanecemos quase parado no espaço. Contrariando o próprio processo de transformação do espaço geográfico, da globalização. Como diz o historiador March Bloch⁸, a história é filha de seu tempo. Sendo assim, ela deve acompanhar o homem no seu espaço. Mas, não é isso que observamos como educação básica (Fundamental e Médio), quando verificamos a prática docente do dia a dia na nossa educação.

Diante desse quadro os resultados atinam para questões levantadas na problemática. Em que pese a este fato, a teoria e metodologia, são campos que se complementam, não necessariamente implica dizer que um tenha seu espaço, uma relação próxima ao que existe entre teoria e historiográfica⁹ constada na obra *A pesquisa histórica teoria e método* Aróstegui (2006). Por outro lado, há grandes divergências de opiniões em conceber a teoria e método, confunde-se quase sempre entre teoria da história e metodologia do Ensino de história. A teoria aqui perfaz um caminho longo, na antiguidade clássica teoria significava “ver”, “contemplar”. E que, com o tempo a relação acerca do termo começa a mudar de conjuntura. Para mostrar esta questão de forma ampliada Barros mostra que:

A teoria remete a uma maneira de ver o mundo ou de compreender o campo de fenômenos que estão sendo examinados [...] A teoria remete a generalizações, ainda que tais generalizações se destinem a serem aplicadas em um objeto específico ou a um estudo de caso delimitado pela pesquisa. Por outro lado, a teoria também implica em uma visão sobre o próprio campo do conhecimento que está sendo produzido (2010, p.46).

É perceptível que o espaço que a teoria ocupa dentro do ensino de história é fundamental, uma vez que, é esta mesma teoria que vai subsidiar o campo do ensino. Como também é a mesma teoria que vai transbordar ideias para que se possa teorizar o campo da história, onde Aróstegui diz que teoria e filosofia não devem ser confundidas a tal ponto que a função de uma remova o espaço da outra, e que em outra dimensão a história não pode abandonar o ato de teorizar, pois, ela torna-se um elemento complementar na construção da historiografia. Dito de outra maneira, como se a teoria não fosse acabada, e a historiografia fosse a outra parte. Neste sentido, não resta dúvida de que para que o profissional de história possa trazer uma prática de ensino criticizante, articulando os interesses individuais e coletivos do sujeito dentro de um contexto social

em que as coisas mudam muito rápido, os hábitos culturais são “efêmero” ou ganha outro significado em curto prazo. E é nesses espaços, meio que movediço e dinâmico, que o docente tem cada vez mais que ampliar seu olhar sobre a teoria, bem como possuir uma boa identificação com o “espaço¹⁰”, ao mesmo tempo em que não se está afirmando que o sujeito esteja preso a um lugar fixo, mas tendo certa posição em relação determinado aspecto que o defende. Fatos que corroboram para se pensar uma teoria da história que articula elementos com ensino de história.

Assim, neste cenário de múltiplas relações: sociais, culturais, política, religiosa e econômica, o profissional de história deve buscar prioritariamente ampliar sua visão teórica, e assim sair das amarras, tanto em relação ao uso do de livro didático como também do próprio espaço institucionalizado. Isso se queremos “fornecer respostas” ao sujeito engendrado neste pós-modernismo. Desse modo Bittencourt afirma que:

Na sociedade brasileira contemporânea novas exigências são acrescentadas ao trabalho dos professores. Com o colapso das velhas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instancias sociais; [...] que restaure a importância dos conhecimentos e a perda da credibilidade das certezas científicas; que sejam os regeneradores das culturas/identidade perdida com as desigualdades/diferenças culturais; que gerenciem as escolas com parcimônia; que trabalhem coletivamente em escolas com horários casa vez mais reduzido (2008, p.16).

A organização social em grande escala que engloba o cidadão enquanto individuo se apresenta como se fosse uma teia. A relação social quase sempre parte de um lugar em direção a outro, aonde muitas vezes vão ser contraditória, outras “vão negociar” e outras entrarão em conflitos.

Para entender as redes de relações sociais dentro do campo da história, as continuidades e descontinuidades, as aproximações e os distanciamentos entre outros conceitos, nos remetem a discussão em torno do passado/presente na história, fixando seu olhar nas categorias de tempo e espaço, distanciando da história tradicional, esta tida por um lado como regresso, e por outro como período que em construiu e organizou boa parte da nossa documentação. Por isso, o historiado não pode jamais ficar alheio a seu tempo. Por outro lado, o que se tem observado nos profissionais da área em relação prática pedagógica é que: se preocupa tanto em elencar recurso para a escola, que esquece de que nada adianta se este profissional não despuser um embasamento teórico aguçado.

4. O ensino de história e a sua relação meio social

Desde o início da humanidade o homem mantém relações com espaço em que vive. Estas relações com decorrer do tempo foram ressignificando, ganhando espaço e acompanhado de um projeto de desenvolvimento das técnicas, essas sem dúvida possibilitou um avanço no campo social. Ao mesmo tempo em que as técnicas se transformam, os grupos sociais emergentes ficam mais complexos. Crescendo vertiginosamente a corrida por espaço e disputa de poder, os grupos se fragmentam, onde cada um começa a lutar pelos seus ideais, nascendo uma ideologia dominante que mais tarde é apropriado pela a classe dominante.

No campo da história essas relações não podem ser diferentes. Como foi abordado no tópico inicial deste artigo. Assim, em uma leitura mais profunda constatamos que os homens quase sempre estiveram em conflitos uns com outros, as razões para tais questões são de natureza diversas, como: questão espacial, em que o mesmo lutou por um “lugar fixo”, de sobrevivência onde ele teve explorar o meio natural, como também buscou interagir com os outros. Se pegarmos o processo de nossa colonização do Brasil constatamos claramente este fato, há todo um cenário de disputa por espaço, mas há também a afirmação de uma cultura em detrimento de outra, relações de alteridade (o aparecimento de um apagando a diferença do outro). Há um olhar eurocentro definidor de padrões culturais.

Nesse momento, temos a presença de uma história sendo imortalizada, de outro como mortal. Em outras palavras, uma que sepultou o passado, apagado pelo os processos de legitimação poder, onde “inferiores” nunca tiveram nem vez e nem voz, por outro lado uma em que desenterra esses sujeitos e tentam fazer com os mesmo ganhem espaços e vozes.

É partir de questões como essas que buscamos compreender o sentido da história, uma área que vem sofrendo mutações de acordo seu contexto, como coloca Peter Burker, “se a história, Febvre, era filha de seu tempo, não seria possível continuar a fazer esse tipo de história convencional que nem correspondia ao anseio de uma a humanidade” (1997, p.7). Assim, é notável que a História tenha sofrido grandes modificações ao longo da sua história. Os “tutores”, sujeitos envolvidos na escrita da história tem modificado seu olhar em relação os fatos. No final do século XX e início do século XXI, a historiografia tem enfrentado grandes desafios, em mostrar os fatos, que ora fora contado, só que agora com novo olhar, para tanto ela conta novos aparatos tecnológicos que muitos ajudaram nesta construção. Se compararmos ao século XIX,

onde não disporíamos de equipamentos tão “eficientes” para escrever história. Por outro lado, é positivo considerar os benefícios que tecnologia trouxe para produção histórica, sem deixar de lembrar que a tecnologia e o aceleração da globalização também trouxeram lado “negro”, contribuíram para o pagamento da memória histórica. Fato esse constatado no presenteísmo que vive nossa sociedade, onde variados meios de informações e imagens desviam muitas vezes nosso olhar.

É neste campo tão movediço que a história é construída e ensinada, seja no ensino superior ou na educação básica (Ensino fundamental e Médio). Partindo desses dois campos discutiremos a relação de como os conteúdos são trabalhados no primeiro campo e no segundo. Procurando abordar uma reflexão entre as essas instâncias mencionada. Em contribuição para pensar a reflexão buscamos os dados da pesquisa.

Em pesquisa de campo, questionamos professores da educação básica; se os mesmo quando trabalhava os conteúdos tradicionais (clássicos), como por exemplo, Revolução industrial, abolição da escravidão e republica dentre outros, se eles utilizavam alguma metodologia para fugir do conteúdo tradicional, e das amarras que o livro didático apregoa. As respostas para essa indagação foi quase que unanime em relatarem que utilizava o livro didático e dificilmente fazia projeto. Percebe-se nas respostas dos professores, que há deficiências, não que esses profissionais indisponham de competências para o ensino, mas percebe-se ai pobreza teórica, no sentido dos mesmos se limitarem a único livro, não buscar outros livros e colocar outras versões para os alunos, é metodológica, porque os caminhos eles utilizam para ministrar suas aulas se limita muito ao espaço e ao próprio livro. Segundo os professores entrevistado, eles relataram que raramente propõem projeto, como também aula de campo. Esses fatores são tidos como regresso ao ensino de história e os currículos desse aluno fogem um pouco do que propõem as proposta ensejada nos parâmetros curriculares nacionais (1998). Mostrando como o currículo vem se transformando para atender a demanda da sociedade contemporânea, Bittencourt coloca que:

Atualmente, a ideia de currículo é concebida em todas as suas dimensões, distinguindo-se o currículo formal (ou pré-ativo ou normativo), criado pelo o poder estatal, o currículo real (ou interativo), correspondente ao que efetivamente é realizado na sala de aula por professores e alunos, e o currículo oculto, constituído por ações que impõem normas e comportamentos vividos nas escolas, [...] os estudos recentes incluem ainda o currículo avaliado, que se materializa pelas ações dos professores e das instituições ao “medirem” o domínio dos conteúdos explícitos pelos alunos e incorpora valores não apenas instrucionais, mas também educacionais, como as habilidades técnicas e praticas letrada (2008, p. 104).

Levando em conta a proposta da autora ao discutir o currículo, e por sinal muito positiva mostrando como ele se forma. É notável no dia a dia quando conversamos com professores, principalmente os da educação básica, em que se constata que os mesmos não tem uma leitura de mundo acerca do currículo. Quanto atina para discutir o currículo atribui culpa ao sistema responsável, se isentando do seu papel enquanto sujeito participante da construção do mesmo. A Circe Bittencourt amplia a discussão sobre o currículo quando ela pensa o mesmo não mais só sendo esfera professor - aluno, mas quando os primeiros entram confrontos com as instituições. Nesse sentido o currículo também é pensado.

Retomando a questão da universidade e escola, observa que quando não dispomos de uma teoria ampla acerca do ensino, raramente conseguimos ter um ensino de qualidade. Porque o estudo sobre a teoria da história deixa claro, que não possível termos uma boa discussão teórica se não dispuséssemos de uma visão teórica ampla. Em outras palavras, é a teoria explicando a própria teoria e abrindo um leque de possibilidade, para partir deste, pensar um ensino de história contextualizado com realidade. Reis coloca que:

Não é possível, portanto, ser historiador sem tomar o conhecimento histórico como um problema. Se ele é construção de um sujeito, não se pode praticá-lo surda e cegamente. É preciso pôr em dúvida a possibilidade de a história tocar seus objetos, os homens no tempo, e partir da possibilidade do nada ao ser (2005, p. 99).

A partir deste enfoque levantado por José C. Reis, é possível dialogar com ensino de história, na medida em que pensamos a história numa dimensão dialética, mostrando para os sujeitos que os sujeitos presente naquele livro são sujeitos frutos do seu tempo, e os que eles escreveram também está ligado com convicções morais, religiosas e políticas dentre outras. Nesse momento, o professor, usando uma metodologia específica para o caso, pode está levando alguns problemas juntos com alunos. Por exemplo, quando a academia trabalha a revolução Francesa, pensa-se em um lastro possível possibilidades e que teria levado ao fato. Discussões, e mais discussões são elencadas sobre o assunto. No ensino Básico esse mesmo assunto não deve mudar os rumos das discussões, mas deve-se apropriar-se de métodos diferenciados, não deve perder seu fio condutor, que é teorizar os conteúdos. Em outra dimensão, e ai pesquisa constatou que os professores em sua grande maioria, estão trabalhando os conteúdos ainda numa visão próxima da “positivista”, apesar de todas política públicas e todos os avanços, materiais de apoio advindo do MEC, facilidade dos mesmos ingressarem em curso especialização.

Os anos 60 do século XX marcam a aproximação das ciências sociais com história, haja vista este período ainda era o que muitas ciências iriam se consolidar enquanto disciplinas. Para a história, essa aproximação foi positiva. Porque ampliava o olhar o historiador para pensar em novos sujeitos, que a história tradicional sepultou. Tem-se este avanço teórico no campo da história, mesmo sendo mais teórico do que prático, porque até as Universidades, não se preocupado muito com este saber. Tão poucos são trabalhados no ensino básico. A interdisciplinaridade até aparece nos projetos políticos pedagógicos (PPP), mas na prática não chega ao aluno.

Diante das discussões pensadas neste artigo, refletida, questionada; necessário se faz que tenhamos claro que não deve existir uma separação entre a academia e a escola, “essas barreiras” que se encontram precisam ser demolidas, porque enquanto isso não acontecer à escola continuará capenga, e o ensino de história continuará reproduzindo uma ideologia dominante, uma história dos vencedores. Assim, o resgate a identidade cultural vai ficando cada vez mais difícil, as diferenças só faz aumentar, abro um parênteses: será que uma sociedade tão desigual, e tão preconceituosa, não seria fruto de uma história “positivista”? Uma história que ao longo do tempo passa pela avaliação do sistema estatal que procurou sempre “reproduzir a ideologia dominante”. O discurso de continuidade, conservadorismo ainda está muito presente nas escolas. Isso porque, os docentes dessas em sua maioria não “buscam uma especialização” acreditando que está nos livros não passam por atualização. Sendo assim chega-se até a pensar se o curso de Licenciatura em História está meio contraditório, por um lado formar um profissional um ensino de qualidade, por outro lado este mesmo profissional chega à escola e não “responde em tese aos anseios da sua clientela”. E ai se questiona: cadê a graduação? Não preparou para o ensino? Estes questionamentos ficam para outro momento.

Notas

¹ A história: entre a Filosofia e a ciência

² A Escola dos Annales 1929 – 1989. A revolução Francesa da historiografia

³ Refere-se à transposição Didática, considerado por Chervallar como trabalho de fabricar um objeto de ensino, ou seja, fazer um objeto de saber produzido pelo "sábio" (o cientista) ser objeto do saber escolar.

⁴ Teoria e Método: uma relação necessária no ensino de história.

⁵ Universidades

⁶ Durante sua graduação teve em sua grade curricular disciplinas como Teoria da História; Historiografia e Metodologia do ensino de história? Se sim, como foi ministrado? Se só posterior à graduação é que teve acesso? Ou se não teve acesso as tais disciplinas.

⁷ Paradigma historiográfico, criado a partir do filósofo Francês o August Comte.

⁸ Apologia da história - versão traduzida em 1997, autorizada pela edição Francesa.

⁹ A historiografia torna-se uma espécie de "mãe" da teoria, porque vai ultrapassar concepção de objeto, isto é, escreverá como se processa o mesmo. Havendo, uma relação de complementaridade.

¹⁰ Este se refere nesta leitura à definição em quanto corrente historiográfica.

Referências bibliográficas

Aróstegui, Júlio. A pesquisa histórica: teoria e método. Bauru, SP: Edusc, 2006.

Burker, Peter. A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução Francesa da historiografia. São Paulo Fundação Editora da UNESP, 1997.

Bittencourt, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e método. 2ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

Barros, José D' Assunção. Teoria e formação do Historiador. Publicado na revista Tela, set/dez.2010.

Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=513&path%5B%5D=552>. Acesso em 17/08/2012

Ciampi, Helenice. A história pensada e ensinada: da geração das certezas a geração das incertezas. São Paulo; Educ, 2000

Reis, José Carlos. A História entre a Filosofia e ciência. Belo horizonte, Autêntica, 2006.

Reis, José Carlos. História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 2º Ed. Rio de janeiro, FGV, 2005.